



Percursos e narrativas do papel profissional: entre a criação e o assujeitamento

Andrea Raquel Martins Corrêa
Viviane Giombelli

O trabalho configura-se como território de pertencimento, reconhecimento e identidade, mas também como espaço de sofrimento psíquico. No modelo neoliberal, o papel profissional é atravessado por exigências de desempenho máximo, disponibilidade contínua e responsabilização individual, levando a processos de assujeitamento, fragilização dos vínculos e adoecimento mental. Dados recentes indicam crescimento expressivo dos afastamentos por transtornos mentais relacionados ao trabalho no Brasil, fenômeno igualmente observado na clínica psicoterapêutica, por meio de queixas recorrentes de ansiedade, depressão, pânico, esgotamento e conflitos interpessoais no campo laboral.

Essa vivência psicodramática propõe uma reflexão crítica e experiencial sobre os percursos do papel profissional, articulando os eixos **territórios, memórias e transformações**, a partir da teoria de papéis, do conceito de conserva cultural e da espontaneidade-criatividade. Parte-se da compreensão de que o sofrimento no trabalho não se reduz à dimensão individual, mas é relacional e estrutural, sendo produzido por lógicas que capturam a subjetividade e deslocam o sofrimento para a esfera da falha pessoal. Questiona-se, assim: quais possibilidades de criação emergem frente às exigências neoliberais? Como sustentar vínculos, pertencimento e singularidade no exercício do papel profissional?

O objetivo da vivência é promover, por meio do Psicodrama, a investigação do assujeitamento e das possibilidades de criação no desempenho dos papéis profissionais, ampliando a consciência sobre os vínculos, as conservas culturais e os roteiros internalizados que atravessam a carreira. Busca-se favorecer estados espontâneo-criativos, o fortalecimento das relações e a cocriação de dispositivos que sustentem respostas mais conscientes e menos adoecedoras às demandas do trabalho.

A fundamentação teórica compreende o trabalho como espaço de constituição da subjetividade e da identidade, marcado por tensões entre adaptação e criação. O modelo neoliberal intensifica o individualismo, fragiliza a cooperação e rompe laços coletivos, transformando colegas em

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



rivais e naturalizando o esgotamento. Nessa lógica, o desempenho constante torna-se valor central, enquanto a pausa, a dúvida e a fragilidade são desqualificadas. O Psicodrama contrapõe-se a essa racionalidade ao reinscrever o papel profissional em sua dimensão histórica, relacional e simbólica, reconhecendo o trabalho como processo vivo, atravessado por memórias, vínculos e escolhas.

A metodologia utilizará o Teatro Espontâneo mediado por textos literários, seguido de processamento teórico-prático, utilizando as etapas do método psicodramático, como aquecimento, dramatização e compartilhamento. O cenário psicodramático é compreendido como laboratório relacional, no qual papéis imaginários e conservados podem ser atualizados como papéis psicodramáticos, permitindo a ampliação das narrativas ao olhar para os papéis em cacheo.

Como resultados esperados, pretende-se ampliar o debate nos grupos de Psicodrama, acerca do papel profissional como experiência viva, relacional e criativa, deslocando-o da lógica do adoecimento para a da transformação. A vivência reafirma o Psicodrama como prática clínica e político-social, capaz de sustentar a tensão entre conserva cultural e espontaneidade-criatividade, devolvendo ao sujeito a cena, o vínculo e a liberdade de criar outros modos de existir no trabalho.

Palavras-chave: Psicodrama. Papel profissional. Espontaneidade-criatividade. Cocriação.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026